VI CONBALF
ALFABETIZAÇÃO E DEMOCRACIA: DIREITO À LEITURA E À ESCRITA
CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Aira Suzana Ribeiro Martins [1]
Hebe Duarte de Andrade Maluf Resende[2]

Eixo temático: 10 **Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva**

Resumo: Este artigo tece reflexões a respeito das experiências vivenciadas no período da pandemia, em que o universo digital foi de importância fundamental para garantir o processo de ensino-aprendizagem das crianças e favorecer formas distintas do processo de leitura e escrta. A análise é centrada no trabalho desenvolvido em uma turma do 1º ano do ensino fundamental do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Diversos recursos digitais foram implementados no contexto com o propósito de colaborarem para o processo de alfabetização e letramento das crianças e diminuírem o distanciamento social entre escola, crianças e famílias. Como referencial teórico, utilizaram-se as obras de Moran (2006), Goulart (2017), Arantes e Toquetão (2020), entre outros.

Palavras-chave: Alfabetização; leitura e escrita; linguagem.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, TDIC, estão fortemente inseridas na vida dos sujeitos, colaborando no processo de busca e acesso a diversas informações. Moran (2006) afirma que a tecnologia está a serviço do homem ao contribuir para o seu desenvolvimento profissional e para outras esferas da vida social. As tecnologias digitais trouxeram inúmeras vantagens para o homem, como a criação de novas formas de comunicação, diminuição da distância entre as pessoas, redução de custos, colaboração para a preservação da natureza, armazenamento informações, entre outras.

No ano de 2020, as palavras do autor tornaram-se ainda mais pertinentes, haja vista que o uso das TDIC nas práticas de ensino possibilitou a interação entre docentes e discentes. As tecnologias digitais contribuíram também para a mediação do currículo escolar em virtude do isolamento social advindo da pandemia da Covid-19, objetivando minimizar os danos no processo de ensino-aprendizagem.

[1]Professora do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica e do Ensino Fundamental II do Colégio Pedro II. Contato: aira.martins.1@cp2.edu.br
[2] Aluna do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica e professora do Ensino Fundamental I do Colégio Pedro II. Contato: hebeduarte@gmail.com

Não se pode deixar de destacar o desafio do uso das tecnologias digitais na educação básica, devido a inúmeras dificuldades como acesso e interação entre os artefatos culturais e tecnológicos por parte dos discentes e docentes; infraestrutura das escolas que, em sua maioria, não oferece o mínimo necessário para a realização de atividades em plataformas digitais, inclusive, sem acesso à internet; formação precária dos educadores para refletirem sobre suas práticas e planejarem-nas com tal mediação, evidenciando, muitas vezes, uma perspectiva instrumental da relação com as tecnologias (PRETTO, 1996; ALVES, 2016). Atualmente, tais questões acentuaram-se devido à pandemia que se instaurou no mundo.

O período pandêmico também levou todos a esbarrarem na crescente desigualdade social no país. A esse respeito, Oliveira *et al.* (2020, p.52865) lembram que: “enquanto uma parcela da população conta com a internet, *smartphone*, computador e local silencioso para assistir às aulas, […], a outra parcela da população brasileira nem sequer tem condições de fazer três refeições diárias”. Destaca-se que o segundo grupo compreende a grande maioria de estudantes que se encontram matriculados nas redes públicas de ensino.

Essa era a realidade de muitos estudantes do Colégio Pedro II. Como planejar um processo de aprendizagem rico de significados se suas famílias sofriam com o desemprego e a carência de tantas outras questões relacionadas à saúde financeira, social e mental? Uma grande preocupação se voltava para as crianças em processo de alfabetização que, apresentando ou não acesso à internet, dependiam da mediação de sujeitos mais experientes da cultura digital para aquisição de conhecimentos sobre a língua escrita e seus usos.

São tratados neste texto os dilemas enfrentados por professores que, ao iniciarem o trabalho de alfabetização em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, se veem impedidos de dar prosseguimento ao trabalho que tanto causava satisfação às crianças, por estarem se iniciando mundo das letras, e aos pais por verem seus filhos matriculados em uma instituição pública de referência. Foi necessário, devido à pandemia, rever a alfabetização, bem como as práticas antes totalmente voltadas para aulas presenciais.

2 A alfabetização debruçada nas janelas virtuais

A escola é o lugar onde a criança e o adolescente passam a maior parte de seu tempo. No momento da pandemia, entretanto, o quadro que se instaurou era outro, com salas vazias, pátio vazio e um enorme silêncio.

Em contrapartida, a escola invadiu a casa e isso acarretou problemas de adaptação de um ensino doméstico. Apresentaram-se realidades distintas, desiguais e de uma torpe distribuição de renda. Casas tornaram-se lugar de acesso à troca de conhecimentos e de convivência, como também lugar de assistência social e, ainda, local de acesso ao uso das TDIC com problemas em relação ao domínio, à qualidade e à competência.

Na escola, de acordo com as ideias freirianas, há a necessidade de se alimentarem a alegria da convivência, o respeito às diferenças e a valorização da leitura em sua amplitude. Como fazer isso através de uma tela de computador ou de *smartphone*? As turmas, incluindo as de alfabetização, passaram a viver, virtualmente, durante cinco dias semanalmente, o seu novo espaço escolar, sem expectativas de retorno á antiga rotina e sem sonhos de crianças e pais.

Os docentes também enfrentavam muitos dilemas. Como proporcionar o acesso à escola de forma igualitária? Como promover uma alfabetização dialógica e democrática, em que o sujeito terá vez e voz e conquistará seu lugar, manifestando seus desejos e o que julga necessário para dar sentido e sentir a linguagem que o constitui tendo de aprender a lidar com a falta de dispositivos eletrônicos ou o desconhecimento de plataformas digitais?

A instituição ponderou que o processo de aprendizagem ocorreria em ambiente remoto em encontros síncronos pela Plataforma *Google Meet* e assíncronos, com a utilização do *Padlet*, plataforma digital que permite a criação de murais colaborativos e do *Moodle*, um *software* de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual. O currículo, o sistema de avaliação e a atuação de toda a comunidade escolar sofreram significativas mudanças. Uma nova escola emergia das casas e a alfabetização se debruçava nas janelas virtuais, apelando para ter oportunidade de se mostrar mais singular e significativa do que já necessitava ser nas aulas presenciais.

3 Os dilemas da nova sala de aula

Vinte crianças e suas famílias foram convidadas a caminhar com a instituição por uma estrada desconhecida, em que o contato com a escola passou a ser feito por meio das telas de *notebooks*, *tablets* e *smartphones*. As relações através dessas tecnologias tornou a convivência bem desafiadora. Justificativas de diversas ordens eram apresentadas para as ausências nos encontros síncronos: falta de dispositivos eletrônicos que comportassem o acesso à sala virtual, problemas com a internet, ausência de um adulto que prestasse auxílio durante o encontro, entre outras, tornando-se difícil a reunião de todo o grupo.

Expressões como “Ih! O colega caiu!”, “Quem está com o microfone aberto?”, “Minha câmera está desligada porque a conexão está ruim” tornaram-se parte da rotina da turma. Regras que atendessem ao novo espaço precisaram ser construídas. O ícone da “mãozinha” ganhou o lugar dos dedos levantados, que sempre se mostrava agitado e “falante” quando uma ideia precisava ser compartilhada ou questionada.

Aos poucos, estabelecida a rotina, crianças e professores foram deixando a sala virtual mais acolhedora e com características singulares, ricas em ícones, linguagem própria e afeto. As crianças buscavam sua identidade dentro do espaço virtual. Precisavam se reafirmar por

meio, não apenas dos seus nomes, mas de seus apelidos e avatares, os quais foram construídos de forma bastante rudimentar e, depois, trazidos por meio de imagens para a rotina na sala de aula.

Nessa busca de identidade, surgiu a ideia de se criar um nome para a turma, que foi escolhido de forma democrática. As crianças foram convidadas a pensar em palavras ou expressões que exprimissem o momento histórico e se aproximassem do perfil da turma. Após a apresentação dos nomes, a frase "Fecha o microfone!" foi escolhida uma variação de "Cale a boca!". Essa identificação da turma 102 ganhou música, símbolo, rostos, vozes e atividades sistemáticas.

A iniciativa de identificar a turma com variadas linguagens possibilitou encorajamento de todos os envolvidos naquela situação. Era preciso continuar a reinventar o processo de ensino-aprendizagem calcado na escuta afetiva e atenta. Reinventar também o espaço do brincar durante os encontros síncronos e assíncronos era de extrema importância. Em outubro, mês do dia das crianças, a equipe pensou em propostas em que a brincadeira se destacasse.

O *Padlet* trouxe o livro "Isso não é brinquedo!", de Ilan Bremman (2019), que narra a história de Lilica, uma menina que, com muita imaginação, transforma tudo em brincadeira. Além disso, foram apresentados vídeos com músicas, sugestões de filmes, brinquedos e brincadeiras indígenas e um espaço significativo para as crianças apresentarem suas opiniões, sugestões e o que tinham desenvolvido em cada proposta por meio de desenho, escrita, vídeo e/ou áudio.

As famílias tiveram participação ativa nesses espaços de aprendizagem remota e, nesse projeto sobre brincadeiras, um representante familiar de cada criança foi entrevistado, para apresentar suas brincadeiras infantis favoritas, bem como trazer suas brincadeiras na infância. Os vídeos e os áudios foram reproduzidos durante os encontros síncronos e alguns brinquedos e brincadeiras tiveram sua escrita problematizada. Muitos familiares destacaram o pique-esconde como uma das suas brincadeiras infantis favoritas.

Nas linhas seguintes, são reproduzidas algumas hipóteses de escrita do nome composto "pique-esconde". Informa-se que os nomes dos estudantes são fictícios.

- Professora, como escrevemos esconde? (João, 7 anos)

- Com "i". Vou escrever no *chat* para você. (Mirela, 7 anos)

A criança escreveu no espaço mencionado: "iscondi".

A escrita da estudante foi reproduzida numa pequena lousa branca utilizada nos encontros síncronos. A turma, então, foi convidada a refletir sobre a escrita da palavra. Havia, também, a possibilidade de intervenção, caso alguém quisesse.

Estão reproduzidas, a seguir, as intervenções:

- Eu não concordo, tia! É muito forte o pedacinho "es". Para mim tem x. (Paulo, 7 anos)

A professora, então, pediu para a criança soletrar como ficaria a palavra e, assim, foi reproduzido na lousa. Como resultado, foi escrita a palavra “ixcondi” .

- Tia, acabei de procurar no *Google*. Vou dizer as letras e você escreve, tá? (Marcos, 7 anos)

E assim a criança fez. Embora tenha soletrado corretamente a palavra “esconde” nem todos aplaudiram, com críticas à atitude do estudante. Muitos se manifestaram por meio de *emoticons* e abertura dos microfones, em que todos falavam ao mesmo tempo.

- Isso não vale! A professora disse que era pra gente pensar! (Laura, 7 anos)

Após acalmar a turma, a professora pediu a Marcos que explicasse como fez a consulta no *Google*. Ele, com detalhes, deu o passo a passo, desde o acesso à página pelo celular da mãe até o uso do recurso de voz.

A professora aproveitou para compartilhar a tela em tempo real e apresentar outras formas de realizar pesquisas na plataforma, como por meio da escrita e imagens. A crítica deu espaço à descoberta, ao desbravamento de um universo rico em informações que, segundo a turma, “é infinito”.

Outras palavras com sílaba formada por uma vogal seguida de "s” foram pesquisadas, escritas na lousa, no *chat* e no caderno. Havia um esforço do grupo para apresentar a todo o momento uma nova descoberta e a maneira como chegar a ela.

4 Sala de aula e as relações virtuais

A diversidade midiática possibilitou uma reflexão sobre o processo de aprendizagem e a forma de considerar as diversas linguagens presentes na infância e, principalmente, no contexto pandêmico que afetou a todos.

A escola no ambiente virtual mais engajamento com a complexidade da linguagem multimodal. De acordo com Toquetão e Liberali (2018), a multimodalidade envolve o conhecimento e uso adequado de diferentes recursos semióticos como gestos, sons e imagens na comunicação contemporânea, além de outras formas de representação utilizadas na construção da mensagem, contribuindo para a construção do conhecimento por meio de estímulos visuais e/ou auditivos, que auxiliam a compreensão, interpretação e problematização de diversos gêneros textuais.

Arantes e Toquetão (2020) alertam que, embora os conteúdos elaborados para crianças em diversas plataformas digitais sejam encantadores, elas precisam exercitar e explorar o meio ao seu redor. A criança deve ser sujeito ativo no processo de aprendizagem, capaz de construir seu conhecimento de forma lúdica e com direito a espaço para partilhar suas considerações sobre o mundo nas brincadeiras com adultos e com outras crianças de forma prazerosa e rica em significados.

Moran (2017) aborda as metodologias ativas para promover um ensino mais reflexivo e construtivo. Segundo ele, as metodologias ativas contam com a participação do aluno na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível e interligada. Nesse contexto, o processo de alfabetização que se relata se aproxima da concepção das metodologias ativas, especialmente, quando se considera o engajamento dos estudantes familiarizados com a tecnologia, além das dificuldades enfrentadas durante a pandemia e o ensino remoto. É importante ressaltar que, por meio de metodologias que consideram a participação ativa do estudante, este se torna o protagonista de seu próprio processo de aprendizagem.

As metodologias ativas possibilitam que a criança participe efetivamente, interaja e construa, com sua turma, o processo de alfabetização. O objetivo não é apenas a aprendizagem da leitura e da escrita, mas a aquisição da capacidade de atribuir significado à leitura, encorajando o outro e construindo um aprendizado coletivo. Essas metodologias valorizam o trabalho prático em equipe, indo além da teoria e, ainda, vão ao encontro de um desejo desta professora, que é também pesquisadora, de criar, no momento de isolamento geral e de dificuldades próprias da alfabetização, um espaço afetivo de interação. De acordo com Martín-Barbero (2014), a escola não pode continuar com uma linguagem retórica e distante da vida, asfixiando a própria voz. Considerando as dificuldades enfrentadas pelo grupo, tanto em relação ao momento da iniciação da leitura e escrita, quanto em relação ao momento pandêmico, era necessário haver um ambiente saudável e acolhedor.

O *Google* se fez presente naquela sala e foi preciso valorizar a pesquisa da criança e todos os esforços que a turma fez para construir seu conhecimento, assim como sua disponibilidade em querer buscar mais informações. As crianças passavam por um dos momentos mais importantes da trajetória estudantil, o início da alfabetização. As experiências de cada uma e suas realidades tão distintas entre si, precisavam ser valorizadas ao longo do processo. Com isso, o trabalho desdobrou-se alicerçado no pensamento de Goulart (2017), segundo o qual a alfabetização é um período em que ocorre um enriquecimento de experiências, já que a escola tem o objetivo de mostrar ao aluno as várias formas de comunicação por meio de uma multiplicidade de linguagens orais e escritas.

A sala de aula precisava se expandir para que a troca de experiências se multiplicasse. Assim, o *Padlet* foi apresentado com o objetivo de ser construído coletivamente, para se compartilhar com a comunidade escolar um material que representasse o processo de formação e colaboração coletiva, promovendo a ampliação do olhar sobre o processo de aprendizagem e expandindo a discussão de diversos temas trazidos pelas crianças e pela professora em tempo de isolamento social.

Refletir sobre a forma de ensinar e aprender teve como propósito possibilitar, por meio da multimodalidade, a manifestação de mensagens e diálogos virtuais entre as crianças no momento da alfabetização. É importante ressaltar que tal interação não substitui as situações

de aprendizagem realizadas no espaço escolar, tampouco, serve de complemento de aprendizagens oferecidas pela escola, mas pode produzir, de forma intencional e colaborativa, novos significados para a comunicação entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem das crianças.

5 Considerações Finais

Dilemas, desafios, angústia, relações. Essas são algumas das palavras presentes ao longo do texto que caracterizam a peculiaridade do processo de ensino-aprendizagem vivenciado por uma turma de 1º ano e uma professora, durante o período pandêmico, que, juntas, aprenderam a ressignificar o espaço escolar. A leitura e a escrita adquiriram uma proporção muito mais ampla do que uma convivência em uma sala de aula física. Foram apresentadas e experienciadas em diversos contextos, linguagens e ferramentas, proporcionando uma aprendizagem significativa e única, inspirada nas metodologias ativas.

Estudantes, famílias e professores foram autores e personagens de um período histórico, em que puderam reavaliar o universo escolar, suas relações e as maneiras diversas do que aprender e de como aprender. Foram convidados a refletir sobre a língua por meio dos problemas que se apresentavam em uma rotina repleta de preocupações e descobertas.

A escola virtual permitiu, ainda, refletir sobre a escola presencial e as reais necessidades para a construção de uma aprendizagem democrática, consolidada nas relações saudáveis e afetivas para, assim, se continuar a reinventar práticas que estimulem o protagonismo de toda a comunidade escolar.

Referências

ALVES, Lynn Rosalina Gama. Práticas inventivas na interação com as tecnologias digitais e telemáticas: o caso do Gamebook Guardiões da Floresta. **Revista de Educação Pública**, v. 25, 2016.

ARANTES, Priscila Barbosa; TOQUETÃO, Sandra Cavaletti**.** Multiletramentos na infância: como ficam as crianças no isolamento provocado pela pandemia covid-19? In: LIBERALI et al. (Org.). **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação escolar e pandemia. **Pedagogia em Ação**. Belo Horizonte, v 13, n. 1. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús A comunicação na educação. São Paulo: Contexto, 2014.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audivisuais e telemáticas**.** *In*: MORAN, J. M et al. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 12. ed. Campinas: Papirus. 2006.

_____. **Metodologias ativas e modelos híbridos na educação.** Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2017.

OLIVEIRA, Eleilde de Sousa *et al*. A educação a distância (EaD) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 52860-52867, 2020.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola com/sem futuro:** educação e multimídia. 9. ed. Salvador-Bahia: EDUFBA, 2013.

_____. **Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões**. Salvador: EDUFBA, 2017.

TOQUETÃO, Sandra Cavaletti.; LIBERALI, Fernanda Coelho. Narrativas Digitais Multimodais na Formação de Professores da Educação Infantil. *In*: GIMENES, Nelson Antonio Simão; PASSARELLI, Lilian Ghiuro. **Formando Formadores para a escola básica do século XXI: Relatos de Pesquisa II.** Campinas: Pontes Editora, 2018.